

‘CONTAINER’

Por Cao Guimarães

Fazer uma curadoria sobre vídeo não é tarefa das mais simples, pois cada vez mais podemos observar novas formas de linguagem e de expressão sendo inauguradas por este meio. Uma espécie de octopus fagocitóide do meio artístico, com seus múltiplos tentáculos absorvendo, engolindo e transformando todas as anteriores (e quiçá posteriores) formas de manifestação artística desde o fim do século passado.

Da documentação banal de uma cena trivial via aparelho celular a uma elaborada e engenhosa animação em 3D; do mero registro de uma ação ou performance artística (alongando e multiplicando o seu alcance e visibilidade) à infinita potencialidade de re-pensar o fazer cinematográfico em um filme de longa-metragem (a captação em *high-definition* e a projeção via-satélite em sistema *Rain*, além de aproximarem bastante a qualidade de imagem e som da tradicional película cinematográfica revolucionam sobremaneira a distribuição e veiculação das obras) principalmente transformando a maneira de lidar com o tempo fílmico – elemento fundamental da gramática do cinema – libertando o realizador das amarras do alto custo do material sensível, o que gera novas possibilidades de perceber a dilatação do tempo na obra (e muitas vezes tornando isso motivo de questionamento por parte dos ainda-seguidores do velho modo de filmar: o relaxamento e a falta de objetivo); da aproximação do fazer áudio-visual de outras formas de manifestação artísticas mais solitárias e autônomas como a fotografia, a pintura e a literatura (o instrumento câmera ganhando a versatilidade de um lápis, um pincel, uma câmera fotográfica) aos incrementos e particularidades plásticas

e conceituais da imagem digitalizada (a imagem não mais um advento químico porém matemático, binário, numérico).

Diante de todas estas possibilidades podemos nos perguntar o que é (ou o que foi?) a vídeo-arte. Estranho gênero artístico que parece ter encontrado o seu termo no início de seu discurso, pois trazia em seu ventre um rebento muito mais vigoroso (por que não dizer monstruoso?) e dinâmico que já era uma outra coisa quando ainda aprendia a falar. Como se sua constituição fundamental fosse mesmo inapreensível, um ser mutante como a própria tecnologia que constitui o seu intestino que antes mesmo da ruminação de qualquer matéria para posterior exteriorização na forma de linguagem, já se modifica em uma coisa diferente, inqualificável, não-categorizável.

Então para que perdermos nosso tempo tentando categorizar em gêneros herméticos os estranhos rebentos gerados pelo vídeo? Podemos no máximo tentar aproximá-los de alguma forma, tecer analogias e partituras para que as obras (como notas musicais) dialoguem entre si.

Para além do fenômeno videográfico, para além de toda a revolução de como transformar qualquer coisa em imagem e som, e como tudo que dá um passo longo demais tende a voltar para a sua origem (no sentido positivo e renovador da volta) creio haver neste momento um movimento de reavaliação da forma do fazer e do apreciar uma obra áudio-visual. Me explico:

Nos primórdios do cinema o fator do acaso e da descontinuidade narrativa estava absolutamente presente na medida em que o material bruto das filmagens (geralmente pílulas documentais sobre alguma beleza natural, alguma maravilha do mundo, uma cidade, uma paisagem etc.) eram enviados ao exibidor, que os comprava e se incumbia de montá-los à revelia do cinegrafista realizador, para o qual não existia a noção básica da montagem.

Da mesma forma o evento ‘ir ao cinema’, por ser de uma novidade extrema, fascinava o público, não só pelo que estava sendo mostrado na tela, como também (e às vezes mais que o próprio filme) pelo ambiente onde este era exposto, imperando no meio da sala e no meio da gente, aquele estranho objeto que emitia um fecho de luz por sua lente, transformando-a em imagem (com todos os múltiplos micro-seres de poeira bailando naquela corrente de luz): o projetor! A sala de cinema, antes de ser um espaço absolutamente neutro para não perturbar a melhor fruição do filme, era um acontecimento no espaço, suas vísceras de luz exibidas sem escrúpulos; seus narradores, músicos e piano também presentes. Percebendo isso, no processo em que o cinema começava a se transformar em indústria, esconderam o projetor em uma anti-sala, levaram os músicos para um estúdio, transformando sua presença em som-ótico e, mesmo antes, os narradores (me lembro ter conhecido um dos últimos ‘benshis’ na colônia japonesa de São Paulo), que geralmente incorporavam todas as vozes de um filme, foram também escondidos do público.

Em detrimento da espacialidade do evento cinematográfico os realizadores e todos os envolvidos neste processo começaram a tomar consciência da força da temporalidade fílmica, principalmente através da montagem e naturalmente do espaço absolutamente neutro e escuro da sala de cinema. Começaram a criar o que veio a ser a famosa gramática cinematográfica, instrumento mágico, fascinante e poderoso, que se por um lado imprimiu uma personalidade e um status artístico ao cinema, aproximando-o (talvez demasiadamente) da literatura e do teatro, por outro, aprisionou-o a uma essencialidade que não era a sua, importada de outras artes, deixando de lado uma possível verdadeira busca de dizer a que veio.

Hoje, para além da fascinante história do cinema, seus caminhos e seus descaminhos, encontramos de novo a obra áudio-visual inserida no espaço. Ao entrarmos em um museu nos deparamos com inúmeras formas de exibir uma obra, levando em conta aspectos arquitetônicos, cenotécnicos, a virtualidade, o ilusionismo, etc. Suas vísceras de luz, seus intestinos de cabos, de novo reencontraram aquele velho rebento despudorado, ansioso ainda para reaprender a falar, reencontrar sua essencialidade, interagir com o público, levando em conta o acaso de ser e o acalento de estar. Pois um útero (como um dia pode ter sido chamada uma sala de cinema) não é apenas um lugar para os olhos. A criança quer estar inteira, multi-sensorial, neste lugar. A criança quer conter e estar contida.

*Curadoria para a mostra Container, ocorrida em Novembro de 2008, no Parque Vila Lobos, em São Paulo.